

PEDAGOGIA DA TERRA: diálogos entre MST e universidade

FOERSTE, Erineu - UFES

GT: Movimentos Sociais e Educação / n.03

Agência Financiadora: PRONERA/Ação Educativa

1. Tema

O curso Pedagogia da Terra/ES foi criado no final de 1999 pela parceria entre o Movimento Sem Terra, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária e Universidade Federal do Espírito Santo. Em 2002 o convênio foi renovado para oferta da Segunda Turma. O currículo para ambas as turmas é o mesmo, totalizando oito períodos de 300 horas cada.

“Nós estamos cada vez mais conscientes da importância do acesso dos assentados a todos níveis de escolarização. As demandas para ensino superior crescem dia-a-dia nos assentamentos, na medida em que os trabalhadores percebem que a educação é um direito de todos, na cidade e no campo. O curso de Pedagogia inclui-se nessas metas”
(Coordenador do Curso do MST).

2. Problema e metodologia

Como dimensões sociais e institucionais favorecem ou dificultam o cumprimento de metas e sua sustentabilidade na formação de professores de assentamentos na universidade? Que avanços e inovações estão sendo construídos?

A coleta dos dados centrou-se na análise documental e na percepção dos professores da universidade e alunos sobre o curso. Procedeu-se ao levantamento de documentos relativos à estruturação da proposta do curso para as duas turmas especiais (a Primeira Turma, concluída, a Segunda Turma em andamento). Foram catalogados projetos, relatórios elaborados pelos segmentos institucionais participantes do curso: atas de reuniões, planos de curso, avaliações etc.). Foram entrevistados professores e alunos, buscando analisar como compreendem o processo de criação do curso, gestão e desenvolvimento. Também foram aplicados questionários a 58 dos alunos da Segunda Turma e realizadas entrevistas semi-estruturadas (gravadas e não-gravadas), com alunos da Segunda Turma, em grupos focais e entrevistas individuais.

3. Educação do campo

Para o Movimento Sem Terra, Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo/MEC e Universidades interessa basicamente fundamentar discussões para a implementação de políticas públicas que consolidem programas de educação do campo, tendo como um de seus eixos articuladores fundamentais o princípio de que o processo educativo deve se

constituir como estratégia de desenvolvimento territorial sustentável (Kolling *et al.*, 1999 e 2002; Arroyo e Fernandes, 1999; Benjamin e Caldart, 2000; Caldart, 2000; PRONERA, 2001; MEC, 2004). Conforme discute Caldart (2000), o projeto educativo do MST caracteriza-se basicamente pela luta coletiva, em cuja dinâmica o sem-terra se educa na relação com os outros, no trabalho na terra, para produzir a dignidade dos despossuídos da sociedade de classes. O diálogo libertador proposto por Freire (1970) é eixo estruturante dessa pedagogia.

4. Alguns resultados da pesquisa

Tanto estudantes, como professores e coordenadores frisaram a importância do convênio para o êxito do curso. Os professores de assentamentos percebem que, a partir do curso, estão encontrando condições concretas que lhes oportunizam um desenvolvimento profissional sem precedentes na história dos trabalhadores rurais sem terra. Acreditam que a qualidade da educação nos assentamentos beneficiados é um dos ganhos mais destacados na luta por uma educação voltada para a realidade do campo.

A abertura da Universidade a parcerias com o MST introduz uma forma de trabalho diferenciado.

“Pedagogia da Terra na UFES guardou características que outras experiências de formação de professores em nossa universidade não conseguiram manter. Neste curso há uma vinculação com o aluno sem descaracterizá-lo de sua comunidade, de sua concepção de vida, do próprio MST” (Professora/UFES).

A formação de professores na Universidade está ainda fortemente marcada por pressupostos da racionalidade técnica, que dicotomizam teoria e prática. Reflexos disso são verificados em distanciamento da academia no que tange à escola básica, fragilizando articulações indispensáveis entre saberes teóricos e práticos no processo de desenvolvimento profissional docente (Candau *et al.*, 1988; Lüdke, 1994; Gatti, 1996 e INEP/ANPEd, 2002). De fato estudos têm indicado que uma valorização dos saberes das experiências profissionais dos professores pode contribuir não só para um resgate da profissão docente, como também melhoria da qualidade do ensino de um modo geral (Tardif, 2002 e Borges, 2002). Esta racionalidade emergente na formação do magistério ressalta a centralidade de relações de colaboração e parceria entre Universidade e escolas como pressupostos teóricos e práticos concretos na construção e implementação de políticas interinstitucionais de profissionalização do magistério (Foerste, 1998 e

2002). O Curso Pedagogia da Terra problematiza isso, sobretudo ao longo de seu desenvolvimento prático.

“O que eu queria dizer é que a vocação da Universidade não é ser de uma cor, ela tem que ser de todas as cores: branco, preto, amarelo, vermelho. E se ela não tiver possibilidade de pintar a cara do povo, que o povo mesmo a pinte.” (Cícera, aluna da Segunda Turma de Pedagogia da Terra/ES).

Os professores da UFES reconhecem que trabalhar no Curso Pedagogia da Terra implica desafios teórico-práticos que sugerem uma abertura para o trabalho coletivo, motivado por lutas históricas de significativas parcelas oprimidas da sociedade de classes por uma vida digna para todas as pessoas, sem distinção étnica, religiosa e de gênero. Isso supõe embates políticos dos empobrecidos pelos direitos à educação, terra, moradia, saneamento básico, saúde, transporte coletivo. Uma questão que muitos professores levantam é o exemplo de garra, persistência e disciplina dos alunos do curso. Um deles afirma:

*“Eles nos ensinam uma **jeito especial de ser professor**, em tudo que fazem. A forma como se organizam para trabalhar, seja individualmente ou no coletivo, está pautada no respeito ao outro, no direito à palavra de cada um. Mostram-nos uma maneira diferente de se posicionar frente aos desafios e problemas da vida. Revoltam-se, mas se solidarizam; calam-se, para ensinar com gestos lições simples da vida. Seu espírito de solidariedade e trabalho coletivo é imensurável, para tornar cada uma das etapas do curso mais proveitosa possível às necessidades colocadas pelo Setor da Educação do Movimento Sem Terra.”*

Quanto às críticas ao curso propriamente, os sujeitos da pesquisa destacam a necessidade de implementar pesquisas que garantam discussões coletivas com os sem-terra no sentido de definir uma política de formação de docentes para os assentamentos, a partir das especificidades da educação do campo. Acreditam que esta será uma conquista que já está em construção coletiva, nos vinte anos de história do MST. Percebem que uma significativa parcela dos pesquisadores da Universidade envolvidos com o Setor de Educação do MST está sensível às demandas educacionais do campo. Trata-se de um processo que não se esgotará na oferta do Curso Pedagogia da Terra tão-somente. “Seria interessante que os cursos superiores dedicados à educação dos assentados não se limitassem à formação de educadores e sim fossem estendidos às diferentes áreas do conhecimento humano e necessidades dos assentamentos. Pensamos que são necessários cursos também na área de agricultura, de saúde, de economia, de direito...” (Aluno da Primeira Turma). Assim as demandas de formação de terceiro grau

nos assentamentos se renova a cada dia que passa, devendo abranger as diferentes modalidades dos saberes construídos pelo ser humano, objetivando o fortalecimento da educação no/do campo, na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável.

A falta de flexibilidade dos projetos de qualificação profissional na academia dificulta em grande medida a construção de avanços para as principais críticas feitas ao processo de formação de profissionais do ensino no interior da Universidade. A teoria já acumulada no Brasil sobre essa problemática, discutem Candau *et al.* (1988), Lüdke (1994); Gatti (1996) e INEP/ANPEd (2002), permite dizer que a Universidade tende a valorizar uma perspectiva de produção científica, que hierarquiza saberes, desprestigiando algumas áreas, como é o caso da educação. Um fortalecimento do campo da formação de professores implica valorização social da profissão docente, em cujo processo a construção de políticas públicas interinstitucionais entre a academia e setores organizados da sociedade civil - entre eles o MST, compreendido como movimento social no sentido proposto por Oliveira (1981), Gohn *et al.* (2003) e Melo (2003) - tem, seguramente, um papel a ser mais valorizado e destacado em sua especificidade.

5. Bibliografia

ARROYO, Miguel e FERNANDES, Bernardo M. **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília: MST/Unb/CNBB/UNICEF/UNESCO, 1999.

BENJAMIN, César e CALDART, Roseli Salette (Orgs.). **Projeto popular e escolas do campo**. Brasília: MST/Unb/CNBB/UNICEF/UNESCO, 2001.

BORGES, Cecília M. F. **O professor da educação básica de 5^a à 8^a séries e seus saberes profissionais**. Rio de Janeiro: PUC-Rio (tese de doutorado), 2002.

CALDART, Roseli S. **Pedagogia do Movimento Sem-Terra**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CANDAU, Vera M. *et al.* **Novos rumos da licenciatura**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1988.

FOERSTE, Erineu. **Discurso de alguns periódicos nacionais sobre formação de professores e a integração entre universidade e escola básica a partir dos anos 80**. Caxambu/MG: ANPEd/ GT Formação de professores, 1998.

_____. **Parceria na formação de professores: do conceito à prática**. Rio de Janeiro: PUC-Rio (tese de doutorado), 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GATTI, Bernadete A. **Análises com vistas a um referencial para política de formação de professores para o ensino básico.** Brasília: CONSED, 1996.

GOHN, Maria da Glória (Org.). **Movimentos sociais no início do século XXI; antigos e novos atores sociais.** Petrópolis: vozes, 2003.

INEP/ANPEd. **Formação de professores no Brasil (1990 a 1998).** Brasília: INEP/ANPEd, 2002.

KOLLING, Jorge Edgard *et al.* **Por uma educação básica do campo.** Brasília: MST/Unb/CNBB/UNICEF/UNESCO, 1999.

_____. **Educação do campo: identidade e políticas pública.** Brasília: MST/Unb/CNBB/UNICEF/UNESCO, 2002.

MEC. **Referências para uma política nacional de educação do campo; caderno de subsídios.** Brasília: MEC/Grupo Permanente de trabalho de Educação do Campo, 2004.

MELO, Denise M. de. Subjetividade e gênero no MST; observações sobre documentos publicados entre 1979-2000. In: GOHN, Maria da Glória (Org.). **Movimentos sociais no início do século XXI; antigos e novos atores sociais.** Petrópolis: Vozes, 2003, 113-141..

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. Os movimentos sociais reinventam a educação. **Educação e Sociedade**, n. 8, jan. 1981, pp. 33-60.

PRONERA. **Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária: manual de operações.** Brasília: INCRA/PRONERA, 2001.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.

(Título) PEDAGOGIA DA TERRA:
diálogos entre MST e universidade

(Histórico) O Curso Pedagogia da Terra foi criado em 1999, na UFES. A primeira turma formou 62 alunos.

Desde dezembro de 2002 atende a segunda turma, com 59 alunos. O curso é financiado pelo PRONERA envolvendo parceria entre INCRA/UFES/MST.

(Foto ao fundo, transparente e fosca)

(Em primeiro plano: Fala de aluno da segunda turma)

Problema: como o curso contribui na construção do projeto de educação do campo?

Objetivo: Avaliar o curso em seus diferentes espaços – tempos-saberes.

Metodologia: análise documental e entrevista (grupo focal, questionário e observação)

(Foto ao fundo, transparente e fosca)

(Em primeiro plano: Fala de Coordenador do Curso do MST)

(Foto ao fundo, transparente e fosca)

(Em primeiro plano: Fala de Professor do Curso Pedagogia da Terra)

(Gráfico demonstrativo)

(Gráfico demonstrativo)

Conclusões:

O curso concretiza práticas colaborativas entre professores da universidade e professores de assentamentos de movimentos sociais do campo, favorecendo a troca de saberes.

(Bibliografia)

(Gráfico: Assentamentos)

(Autor)